

**A DISPUTA DAS FACULDADES DE MEDICINA IMAGINÁRIAS EM
BELÉM NA DÉCADA DE 1950**

**THE DISPUTE OF THE IMAGINARY SCHOOLS OF MEDICINE IN BELÉM
AT THE 1950ths**

Aristóteles Guilliod de MIRANDA¹
José Maria de Castro ABREU JR²

52

RESUMO

O artigo reconstitui as disputas em torno do planejamento de duas Faculdades de Medicina em Belém (Pará) durante a década de 1950, geridas por grupos médicos divergentes, e as possíveis razões para que ambas não se tornassem realidade pelo menos naqueles anos.

Palavras-chave: Ensino Médico, Escolas Médicas, História da Medicina, Belém, Pará.

ABSTRACT

The paper recalls the planning of two medical colleges in Belém (Pará) during the 1950s, managed by divergent medical groups, and the possible reasons why they did not come true at least in those years.

Key-words: Medical teaching, Medical Schools, History of Medicine, Belém, Pará.

¹ Médico, cirurgião vascular, Serviço de Cirurgia do Hospital Universitário João de Barros Barretto-UFPA. Doutor em Biologia e Epidemiologia-UFPA. Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Pará. Sócio Titular Fundador da Sociedade Brasileira de História da Medicina.

² Médico Patologista-Hospital Ophir Loiola. Professor da Faculdade de Medicina-UFPA. Doutor em História Social da Amazônia-UFPA. Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Pará.

INTRODUÇÃO

Quem hoje assiste a facilidade com que surgem faculdades de medicina³, por todo o Brasil, o que parece conferir ao país o questionado primeiro lugar mundial em número de escolas médicas, não tem ideia de que nem sempre as coisas foram assim. Já houve um tempo em que a abertura de um curso de medicina implicava uma série de requisitos – ou pré-requisitos – para tal. Dentro do assunto, gostaríamos de relatar a tentativa de criação de duas escolas médicas em Belém, no final da década de 1950, e que, se não saíram do papel, pelo menos uma pode ser considerada como o embrião da Faculdade Estadual de Medicina do Pará

Considera-se que o ensino médico teve início no Brasil em 1808 com a vinda da corte portuguesa para a América lusitana, fugindo das tropas francesas de Napoleão, que ameaçavam o reino português. Assim, com a chegada de Dom João VI, surgiram as Escola de Cirurgia da Bahia e, posteriormente, o Curso de Anatomia e Cirurgia, no Rio de Janeiro, que seriam transformadas em faculdades após 1832 (AMARAL, 2007).

Ao longo de todo o período imperial, o ensino superior apesar de sofrer várias reformas, ficou sob a responsabilidade do governo, não se permitindo a abertura de novas instituições e, particularmente, faculdades de medicina. Entramos no século XX com apenas 3 escolas médicas em quase 90 anos⁴.

Somente a partir do período republicano, com a mudança da legislação por meio de mais uma reforma do ensino, é que surgiu uma terceira faculdade de medicina, em Porto Alegre, em 1898, quase duzentos anos após a criação das duas primeiras escolas. À Faculdade de Porto Alegre seguiu-se o Instituto Hahnemanniano, atual Escola de

³ De acordo com site <https://www.escolasmedicas.com.br/estatisticas-nacionais.php>, o número de escolas de medicina no Brasil é de 323 (acesso em 13/8/2018), sendo 56,97% privadas. No Pará, no momento em que elaboramos este trabalho, são sete as escolas de medicina: duas federais (uma em Belém, uma em Altamira), e três estaduais (Belém, Marabá e Santarém) e duas privadas (todas em Belém), com o valor médio de R\$ 7500,00 de mensalidade.

⁴ Comparativamente, nesta mesma época, a Colômbia possuía 03, o Canadá 07 e os Estados Unidos 57 (SOUZA, 1977, p. 123)

Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro (Uni-Rio) e a Faculdade do Paraná (1912), São Paulo (1913), Minas Gerais (1918), Pará (1919) e Pernambuco (1920).

Para Amaral (2007), que divide a criação de escolas médicas no Brasil em três momentos, este seria o primeiro momento, ocorrido na segunda década do século XX, pela Reforma Rivadávia, que reorganizou o ensino secundário e superior, deu liberdade de ensino para os estados e incentivou a abertura de faculdades em cidades com mais de 100 mil habitantes (AMARAL, 2007, p. 54).

Entre 1949 a 1953, houve uma soma de esforços de ministérios, principalmente relacionado à saúde, à alimentação, os transportes e à energia (AMARAL, 2007, p. 66) e houve também a retomada da cooperação econômica com os Estados Unidos da América com a instalação da Comissão Técnica Mista Brasil-Estados Unidos (AMARAL, 2007, p. 67).

Em 1950, havia 15 faculdades de medicina (REZENDE, 2009, p. 117). Em 1955 eram 24 em 149 anos de ensino da medicina e somente duas eram privadas: uma na Bahia e outra em São Paulo (AMARAL, 2007, p. 68).

Um segundo momento deu-se nos anos de 1960. Naquele ano, havia 29 faculdades de medicina no País. O ritmo de expansão foi particularmente acelerado a partir de 1965, em pleno governo militar, quando 37 faculdades foram criadas até 1971, ano em que a Reforma Universitária foi implantada. Naquele ano havia 73 faculdades de medicina, contra as 29 de 1960. O ritmo de criação de novas faculdades de medicina foi tão intenso, entre 1960 e 1971⁵, que houve a necessidade de se proibir a abertura de novas escolas, “para impedir a deterioração da qualidade do Ensino Médico (SOUZA, 1977, p. 124)

O terceiro momento aconteceu a partir governo de Fernando Henrique Cardoso até os dias atuais (AMARAL, 2007, p. 134). A predominância atual é de escolas privadas, com 184 faculdades, representando um percentual de 57% (BRASIL, 2018)⁶. De 2003 a 2018 foram criados mais de 178 novos cursos.

O setor privado, contudo, não demonstra interesse em investir em especializações, notadamente residências médicas, onerando o poder público com esta responsabilidade. Levando em conta ainda as altíssimas mensalidades cobradas pelas escolas médicas

⁵ Somente em 1968 foram criadas 13 escolas médicas (LAMPERT, 1997, p. 84)

⁶ Cutait & Del Nero (2018, p.91) informam que mais de 60% das escolas são privadas.

privadas, percebe-se que o elevado custo da graduação está sendo repassado aos alunos, sem que haja em contrapartida necessariamente um ensino de boa qualidade (BUENO & PIERUCCINI, 2005, p. 43).

Para Jatene (2014), “a situação do atual do ensino médico tem causado muita preocupação mas acredito que estamos no limiar de mudanças, já que a coisa chegou a um nível intolerável”.

A FUNDAÇÃO DE FACULDADES DE MEDICINA NO PARÁ

Fundada em 1919, a Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, atual Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Pará⁷, reinava absoluta e solitária no norte do Brasil naqueles meses finais de 1955 quando duas notícias publicadas nos principais jornais de Belém movimentaram o casarão de Santa Luzia, como também é conhecido o prédio da Faculdade de Medicina, por localizar-se no largo de Santa Luzia – hoje Praça Camilo Salgado –, em frente ao Hospital da Santa Casa de Misericórdia do Pará, no bairro do Umarizal, Belém.

Ambas as notícias diziam respeito à criação de dois cursos de medicina: a Escola de Medicina e Cirurgia do Instituto Ofir Loiola, destinada a funcionar no hospital homônimo⁸, instituição que naquela década, vinha se aparelhando para atuar no tratamento do câncer (MARTINS, 2006, p. 38), e a Faculdade de Ciências Médicas, que funcionaria no Hospital da Ordem Terceira (FOLHA DO NORTE, 1955 p. 10; A PROVÍNCIA DO PARÁ, 1955, p. 10).

O que teria acontecido naqueles tempos? Que circunstâncias efetivamente contribuíram para esse ímpeto criador no âmbito do ensino médico no Pará?

Analisando os textos das notícias, observa-se a organização de dois grupos de médicos⁹, professores e não-professores, que por motivos diversos e trabalhando

⁷ Para a história da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, ver: Miranda, Aristoteles Guilliod; Abreu Jr., Jose Maria de Castro. *Memória histórica da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará: da fundação à federalização – 1919-1950*. Belém, ed. autor, 2009, 510p.

⁸ O nome do hospital atualmente é grafado como Ophir Loyola, resolvemos manter a grafia que é utilizada nos jornais dos anos de 1950 dos quais transcrevemos muitos trechos (N.A).

isoladamente, vislumbraram a possibilidade de criar uma – ou duas – faculdade(s) de medicina. Observando os grupos temos, como a própria reportagem sugere, um formado por “professores aposentados, docentes livres, assistentes e instrutores de ensino da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará”, o qual chamaremos de “grupo da Faculdade”. O outro, que denominaremos de “grupo do Ofir Loiola”, era representado por “médicos paraenses que pensam instalar um estabelecimento de ensino médico nos moldes dos que funcionam no Sul do País (A PROVINCIA DO PARÁ, 1955, p. 10)

Era evidente que a rede de ensino médico era bastante reduzida para suprir as necessidades do Brasil naqueles anos iniciais da década de 1950, fato constatado por estudos do Ministério da Educação e Cultura, por meio de uma Comissão criada com essa finalidade, a Comissão de Ensino Médico. Mas qual seriam, verdadeiramente, as razões para esse furor criador de faculdades de medicina no Pará?

Oficialmente, um dos fatores era “o numero cada vez mais elevado de jovens que procura ingressar na nossa tradicional Faculdade de Medicina do Pará”, segundo as palavras do então presidente do Instituto Ofir Loiola, o médico Jean Bitar.

É bem verdade que, na década de 1950 a Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará já apresentava uma estrutura física com sinais de saturação, demonstrando incapacidade para atender a demanda da sociedade por vagas no curso médico. Sérgio

⁹ Compunham o grupo de fundadores da Faculdade de Ciências Médicas do Pará: Oscar Miranda, Abelardo Santos, Manuel Ayres, Guilherme Chaves, Clodoaldo Beckman, Pedreira de Albuquerque, Mário Ferreira, José Luiz Sousa Ferreira, Bettina Ferro de Souza, Pedro Valinotto, Paulo Cordeiro de Azevedo, Dionísio de Oliveira Bentes, Affonso Rodrigues Filho, Manuel da Silva Braga, Cláudio Lobato, Mindelo Garcia, João Fecury, Roberto Lobato da Costa, Valter Gillet, Luizileno Brasil, Guaraciaba Quaresma Gama, José Soares, Rubens Guillon Coutinho, Honorato Neves, Ruy Santos, Domingos Rio Fernandes, Eduardo Hermes, Clarindo Martins, Antônio Lobão, Atahualpa Fernandez, Flávio de Brito Pontes, Camilo Viana, Mário Sampaio. Não estavam presentes, mas se fizeram representar: Rui Ventura, Nagib Hage, Henry Checralla Kayath, Valdemar Ribeiro, José Maria Chaves, Manoel Amoedo Brasil, Canuto Brandão, José Mariano Cavaleiro de Macêdo, Corinto Costa Silva, Agostinho Leão de Sales, Sílvio Bentes, Ernesto Gondim Leitão e Garibaldi Viana (FOLHA DO NORTE, 1955, p. 10).

Compunham o grupo de fundadores da Escola de Medicina e Cirurgia do Instituto Ofir Loiola: Jean Bitar, Armando Novais Morelli, Jose de Sousa Macedo, Luizileno do Amaral Brasil. Afonso Rodrigues Filho, Paulo Cordeiro de Azevedo, José Monteiro Leite, Renato Chalu Pacheco (A PROVINCIA DO PARÁ, 1955, p. 10). Pelo menos três nomes associados a “Escola”, ligados a velha Faculdade logo galgaram ou atingiriam maiores degraus naquela escola: Affonso Rodrigues Filho, em pouco tempo chegou a diretor; Paulo Cordeiro de Azevedo, se tornaria catedrático de Microbiologia em 1958; Monteiro Leite já era catedrático de Anatomia Patológica desde 1954. Três nomes importantes que certamente perderam o interesse pela proposta, enfraquecendo a iniciativa do “grupo do Ofir Loiola”.

Pandolfo, médico formado pela Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, recorda que quando iniciou o curso em 1958, sua turma era composta por 52 colegas e

“...tivemos que enfrentar, para que todos fossem matriculados, já que as vagas disponíveis eram apenas 35, por não terem sido completadas no vestibular normal um segundo foi marcado, o que ensejou esse grande número de excedentes. Muitos telefonemas e apelos políticos foram feitos para o Ministério da Educação e aos parlamentares da época para, finalmente, logramos autorização para a matrícula de todos. Euforia geral, iniciamos o curso enfrentando grandes dificuldades no tocante à disponibilidade de materiais e equipamentos, necessários, principalmente as aulas práticas...” (PANDOLFO, 2000, p. 39).

O quadro desenhado pelo então calouro Sérgio Pandolfo em 1958, já era perceptível desde o início daquela década. Visitante de passagem por Belém, em 1949, o médico Humberto Nóbrega apontou em seus relatos problemas da faculdade situada em “...prédio sóbrio, de projeção horizontal, com cerca de 2.700 metros quadrados de área coberta, suas instalações eram modestas, pobres mesmo; alguns laboratórios careciam de instalações mínimas” (NÓBREGA, 1980, p. 20).

Além da citada carência física, para Jean Bitar que encabeçava o “grupo do Ofir Loiola”, o número limitado de vagas oferecidas pela Faculdade impedia que “muitas vocações fossem aproveitadas, simplesmente pela incapacidade local de estabelecimento de ensino médico, numa região onde impera ainda, em larga escala, toda sorte de males físicos a exigir pronto e eficiente combate” (A PROVINCIA DO PARÁ, 1955, p.10).

Para o grupo de professores oriundos da antiga Faculdade, que advogava para si a experiência didática como trunfo, “a maior expressão para o aprendizado médico”, era “preciso ter prática do ensino médico para formar profissionais habilitados ao exercício clínico”. Para estes, se a Faculdade era insuperável em qualidade, em quantidade não correspondia às exigências de formação de um número significativo de médicos, necessários à Amazônia, uma vez que, até ali, o total de formados era insuficiente para o saneamento da região (FOLHA DO NORTE, 1955, p. 06). Daí a necessidade de mais médicos “para a recuperação do homem doente da Amazônia”. (FOLHA DO NORTE, 1955, p. 03). Era o propósito da nova escola. Não podemos deixar de levar em consideração que tais professores se sentiam preteridos em suas aspirações de ascensão profissional, onde o objetivo final era alcançar a cátedra, que por ser vitalícia restringia

muito seu acesso. Além destes, certamente havia médicos ligados ao hospital da Ordem Terceira que talvez desejassem exercer o magistério. Outro dado para analisar: o grupo idealizador da nova escola, que dizia ter entabulado conversações com o diretor da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, apresentava uma segunda opção: caso não viabilizasse a instalação da nova escola, poderia atuar na criação de cursos de Especialização Médica direcionada aos estudos de tuberculose, lepra e câncer, tendo em vista a existência de hospitais para o tratamento dessas doenças.

Se a Faculdade de Ciências Médicas já surgiu inclusive mais organizada administrativamente, contando com uma Sociedade Civil para gerir seus destinos, por proposta de Clodoaldo Beckmann, e contando com Comissões e Diretoria¹⁰ devidamente escolhidas e definido o início do ano seguinte para iniciarem as atividades da nova escola (FOLHA DO NORTE, 1955, p. 20), o trunfo do “grupo do Ofir Loiola” era que a sua Escola de Medicina e Cirurgia contava com as instalações do hospital, que composta por “um vasto bloco hospitalar, em fase de construção, núcleo inicial de um hospital de clínicas, com vários departamentos médicos especializados, além de uma Escola de Serviço Social! (A PROVÍNCIA DO PARÁ, 1955, p. 8).

Prometia ainda em seu currículo a criação de uma cadeira nova, de cancerologia, posto que “indiscutivelmente o Câncer merece lugar destacado na ciência médica atual, não só pelo volume de casos sempre crescente, como também pela multiplicidade que o problema se apresenta” (A PROVÍNCIA DO PARÁ, 1955 p.10.)

Acreditando que o “grupo da Faculdade” deveria contar com uma certa simpatia por parte dos dirigentes da Faculdade, o mesmo não se poderia dizer do “grupo do Ofir Loiola”. Encabeçado por Jean Bitar, antigo desafeto da direção da Faculdade, porquanto, como estudante e presidente do Diretório comandou uma greve contra a cobrança das taxas administrativas, travando intensos combates contra a referida direção, personalizada por seu secretário, Olimpio da Silveira, e liderou o movimento que culminou com a federalização da escola¹¹. Com aptidão para o magistério – o que se confirmaria algumas décadas depois -, dificilmente Jean Bitar seria aceito como professor na Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará. Pelo menos enquanto o grupo

¹⁰ Diretor Oscar Pereira de Miranda; vice-diretor Atahualpa Fernandez; secretário Clodoaldo Beckman; tesoureiro Emídio Pedreira de Albuquerque. (Folha do Norte, 1955, p. 03.).

¹¹ Ver capítulo sobre a federalização da Faculdade de Medicina em Miranda & Abreu Jr, 2009

dirigente desta permanesse o mesmo, o que, direta ou indiretamente, aconteceu por cerca de 50 anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Faculdades de medicina pensadas para Belém no final da década de 1950 não saíram do plano das ideias, muito embora, oficialmente tenham existido. Em nota oficial, publicada no jornal, em 25 de novembro de 1955, o Instituto Ofir Loiola considerava “fundada a Escola de Medicina e Cirurgia do Instituto Ofir Loiola” (FOLHA DO NORTE, 1955 p. 10).

Do mesmo modo, a Faculdade de Ciências Médicas do Pará comunicou ao diretor da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará a fundação da nova escola e promoveu sua instalação no auditório da velha Faculdade, com direito a eleição de diretoria (FOLHA DO NORTE, 1955, p. 03).

Quem sabe se, ao invés de se dividir os grupos tivessem se unido pelo menos uma escola poderia ter vingado? Se de um lado tínhamos um grupo com experiência didática, do outro tínhamos profissionais atuando no “Ofir Loiola”, um hospital moderno e bem aparelhado, com promessa inclusive de construção de mais um hospital – infantil - com potencial de absorver o alunado futuro e até organizar um núcleo de pós-graduação (A PROVINCIA DO PARÁ, 1955, p. 04) E pergunta-se: os dois grupos não conversaram? Não pensaram em se unir? Ou as idiosincrasias individuais falaram mais alto. Aparentemente, o “grupo do Ofir Loiola” mandou mensagens com o intuito de agregar colegas do outro grupo e, quem sabe, mensagens indiretas visando à direção da velha Faculdade. Se não, vejamos esta declaração de Jean Bitar:

A Escola de Medicina do Ofir Loiola está aberta para todos os profissionais de capacidade reconhecida e que queiram prestar a sua colaboração. A colaboração de colegas estranhos ao nosso corpo clínico muito nos honra e é um atestado evidente da amplitude que queremos imprimir à nossa Escola. A todos os nossos companheiros queremos oferecer um ambiente de trabalho, cordialidade e bem-estar. A serenidade, o reconhecimento do valor do indivíduo e o espírito de justiça são os elementos que norteiam a direção do Instituto determinando aquelas condições (FOLHA DO NORTE, 1955, p. 20).

Com previsão para funcionamento em março de 1956, a Escola de Ciências Médicas do Ofir Loiola logo sofreria adiamento nos seus projetos. Em fevereiro de

1956, era noticiado pelo jornal *Folha do Norte* que a nova escola somente funcionaria em 1957, em razão do prédio que a abrigaria ainda não estar terminado. A partir daí, desaparecem as notícias sobre seu funcionamento.

Ao que tudo indica, o “grupo da Faculdade” foi cooptado pela direção da velha Faculdade. Muitos dos livre docentes e assistentes do “grupo da Faculdade” chegariam, posteriormente, à cátedra na velha escola médica. Mas o “grupo do Ofir Loiola”, com algumas exceções de alguns médicos que eram também professores da Faculdade, permaneceria isolado das lides acadêmicas do largo de Santa Luzia.

Vale a pena assinalar também que, desde 1952 tramitava na Câmara Federal o projeto de lei do deputado Epílogo de Campos pela criação da Universidade do Pará, apresentado em 4 de agosto de 1952 (PL 2268/1952), e que em fevereiro de 1956 ainda tramitava, agora com substitutivo do deputado Lameira Bittencourt, tendo sido o assunto apresentado no II Congresso Nacional dos Estudantes e solicitado o empenho da União Nacional dos Estudantes (UNE), para que o referido substitutivo fosse aprovado sem emendas. O projeto seria transformado em lei e sancionado pela Presidência da República em 2 de julho de 1957 (Lei nº 3191, de 2 de julho de 1957).

A movimentação em prol da Universidade do Pará ganharia corpo ao longo do ano de 1956, o que deve ter arrefecido os ânimos dos criadores das novas escolas. De um lado, os professores da Faculdade de Medicina e Cirurgia podem ter vislumbrado, com a criação da Universidade, uma solução para os seus problemas, uma reclassificação, por exemplo, e até ascensão hierárquica. Como já dito, muitos chegariam à cátedra ou a cargos importantes na estrutura da Faculdade e até da Universidade do Pará, posteriormente.

As duas faculdades de medicina “fundadas” em Belém em 1955 jamais saíram do papel, repetindo-se o episódio de 1898, quando o governador Paes de Carvalho criou, por força de lei, as faculdades de Direito, Engenharia e Medicina e que também viraram letra morta (MIRANDA; ABREU JR, 2009)

De qualquer maneira, podemos dizer que pelo menos uma faculdade serviu como ensaio para um instituto futuro. O grupo que pensou a Escola de Medicina e Cirurgia para funcionar no Instituto Ofir Loiola, à frente o médico Jean Bitar, veria seu sonho realizado, no início dos anos de 1970, na segunda onda de criação de faculdades de

medicina, ao ver surgir em 1971, a Faculdade Estadual de Medicina do Pará, que iniciou funcionando nas dependências do Hospital Ofir Loiola, ali permanecendo por alguns anos até que se construísse seu prédio próprio no terreno deste hospital. Embora inicialmente híbrida – meio pública, meio privada – parte de uma estrutura fundacional, o que possibilitava a cobrança de mensalidade, mas ligada ao governo do estado do Pará, seria encampada pelo governo e, posteriormente, faria parte da Universidade do Estado do Pará.

Na nova escola, o velho grupo da Escola de Medicina e Cirurgia estava muito bem representado e com todas as condições para levar adiante o projeto, afinal Jean Bitar era o diretor do hospital e por muitos anos acumulou, também, a função de diretor da faculdade. Se ele nutria o desejo de ser professor de medicina em Belém, como de fato foi, criar uma faculdade onde pudesse atuar era a única possibilidade. Mas essa é uma história ainda a ser contada.

REFERÊNCIAS

AMARAL, J. L. *Duzentos anos de ensino médico no Brasil*. 2007. 207f. Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social. Disponível em <http://www.portalmédico.org.br/arquivos/duzentos_anos_de_ensino_medico_no_brasil.pdf>. Acesso em 13/8/2018.

A expansão da rede escolar 1972. In: *Documentos do Ensino médico*. Ministério da Educação e Cultura. Departamento de Assuntos Universitários. Comissão de Ensino Médico. Imprensa Universitária, Universidade Santa Maria.

A Província do Pará. A nova escola de medicina. Belém, 25 de novembro de 1955, p. 08.

A Província do Pará. Cadeira de cancerologia na Escola de Medicina do Instituto “Ofir Loiola”. Belém, 27 de novembro de 1955, p.10.

A Província do Pará. Médicos de Belém pretendem fundar mais duas escolas de Medicina., Belém, 24 de novembro de 1955, p. 10.

BUENO, R. R. L; PIERUCCINI, M. C. *Abertura de Escolas Médicas no Brasil. Relatório de um cenário sombrio*. 2ª Edição. Associação Médica Brasileira, Conselho Federal de Medicina, Brasília, 2005.

Folha do Norte. Cogita-se criação de uma Faculdade livre de Medicina. Belém, 24 de novembro de 1955, p. 10.

CUTAIT, R; DEL NERO, C. O drama nacional do ensino médico. *Revista Veja*, 01 de agosto de 2018, p. 90-92. São Paulo: Editora Abril, 2018.

Folha do Norte. Duas novas faculdades para Belém. Belém, 27 de novembro de 1955. p. 20.

Folha do Norte. Eleita a primeira diretoria da Faculdade de Ciências Médicas do Pará. Belém, 27 de novembro de 1955, p. 08.

Folha do Norte. *Instala-se hoje a Escola de Ciências Médicas do Pará*. Belém, 26 de novembro de 1955, p. 08.

Folha do Norte. O Instituto Ofir Loiola. Belém, 25 de novembro de 1955 p. 10.

Folha do Norte. O Instituto “Ofir Loiola” funda uma escola de medicina no Pará. Belém, 27 de novembro de 1955, p. 10-20.

BRASIL. Escolas médicas do Brasil. Disponível em <<https://www.escolasmedicas.com.br/estatisticas-nacionais.php>,>. Acesso em 25 ago 2018.

GONÇALVES, M. B; BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. Considerações sobre o ensino médico no Brasil: consequências afetivo-emocionais nos estudantes. In: *Revista brasileira de educação médica*, v. 33 (3): 493-504 jul./set. 2009.

JATENE, A. A. Ensino médico no Brasil. *Revista USP*, n. 100, p. 77-86, 18 fev. 2014.

LAMPERT, J. B. O curso de medicina de Santa Maria no contexto histórico da medicina e do ensino médico no Brasil. In: LAMPERT, J. B. (Org.). *40 anos de curso de medicina em Santa Maria 1954-1994. Depoimentos históricos*. Santa Maria: UFSM, 1997.

LAMPERT, J. B. Dois séculos de escolas médicas no Brasil e a avaliação do ensino médico no panorama atual e perspectivas. *Gaz. méd. Bahia* 2008;78 (Suplemento 1):31-37

MIRANDA, A. G; ABREU Jr., J. M. C. *Memória histórica da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará: da fundação à federalização – 1919-1950*. Belém, edições do autor, 2009, 510p.

MARTINS, M. R. M. *Instituto Ophir Loyola. Instituto de proteção e assistência à infância do Pará*. Belém: Gráfica Universitária, 2006.

MEC SUSPENDE a criação de cursos de medicina e anuncia política de redefinição da formação médica. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/212-educacao-superior-1690610854/62491-mec-suspende-criacao-de-cursos-de-medicina-e-anuncia-politica-de-redefinicao-da-formacao-medica>>. Acesso em 20 ago 2018

NOBREGA, Humberto. *História da Faculdade de Medicina da Paraíba*. 1º Vol. João Pessoa: UFPB editora, 1980.

PANDOLFO, S. M. *Algumas Palavras*. Belém: Edição do autor, 2000.

PEREIRA NETO, A. F. *Ser médico no Brasil: o presente no passado*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001. 232p.

REZENDE, J. M. O ato médico através da história. In: *À sombra do Plátano*. Editora Unifesp, 2009

SARINHO, C. T. *Faculdades de Medicina do Brasil. As dez mais antigas*. Natal, Editora Nordeste Gráfica, 1989

SARINHO, C. T. *Faculdades de Medicina do Brasil: as dez mais antigas*. Natal, Editora Nordeste Gráfica, 1989; Pereira Neto, André de Faria. *Ser médico no Brasil: o presente no passado*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001. 232p.

SOUZA, C. A. M. Aspectos atuais do ensino médico no Brasil (1977). In: *Documentos do Ensino Médico*. Ministério da Educação e Cultura. Departamento de Assuntos Universitários. Comissão de Ensino Médico. Imprensa Universitária. Universidade Santa Maria. 2ª Edição, 1982.

Trabalho enviado em: 18/09/2018
Trabalho aceito em: 05/02/2019